

CEMITÉRIO DOS CATIVOS

Laís Quevedo Cortes¹

Izabel Espindola Barbosa²

Segundo a história passada de geração em geração, na década 1840 José Fugante, oficial da marinha, comprou propriedades perto de seu amigo Tristão Chaves no lugar chamado de Capão das Pedras, atual município de Bossoroca, noroeste do rio Grande do Sul. Para viajar, Fugante deixou o filho de sete anos com Tristão. O menino foi brincar entre as pedras enquanto os escravos trabalhavam e por acidente se feriu seriamente. Os três escravos o acudiram, mas o menino infelizmente acabou morrendo. Tristão que não tinha como pagar pela morte daquele menino, mandou matar os três cativos e logo depois degolar um, Ambrósio, colocando a cabeça na frente da senzala para amedrontar os demais negros que estavam por volta. O corpo foi enterrado ali mesmo, dentre as pedras. Assim iniciou o cemitério dos cativos. Os negros com grande ira, combinaram então o assassinato do coronel e assim o fizeram. O padrasto do menino ao voltar da viagem e não aprovando o que seu amigo havia feito, fez um pedido a sua família: queria ser enterrado juntamente com os negros, sendo o único branco enterrado ali. Isto nos mostra como era a vida e que o poder econômico dominava nos anos passados ainda continuam, porém de forma mascarada, não mostrando a verdadeira face deste racismo velado. O resgate da história é importante para trazer a memória sobre o tratamento massacrante que os escravos tinham e os resquícios disso na cidade, pois a invisibilidade mantém o velho racismo, ainda que oculto. Este lugar ainda não é regulamentado como patrimônio histórico, mas sua importância no município e no Rio Grande do Sul deve fazer parte da verdadeira história, onde brancos e negros não eram iguais nem na morte. Acontecimentos ocorridos há anos atrás e um lugar que ainda preserva túmulos, escondidos pelo preconceito da própria sociedade e esquecido por receio de reconhecerem o passado da cidade.

Conforme Bueno e Nogaro (2008, p. 1), “o desafio de desenvolver um trabalho, cuja fonte básica é a oralidade, além de mexer no conceito de personagem histórico, trabalha também, com a questão do cotidiano, evidenciando a trilha da história de cidadãos comuns como as mulheres escravas, que suas histórias de vida perpassam de geração em geração de uma maneira subjetiva” Para alcançar o objetivo de tombamento, além de coleta de documentos, estão sendo realizadas entrevistas e visitas. O Ministério da Cultura garante que determinados patrimônios “oriundos de

¹ Aluna do curso de Tecnologia em Gastronomia. IFFAR campus São Borja

² Presidente do NEABI, IFFAR campus São Borja

processos culturais de construção de sociabilidades, de formas de sobrevivência, de apropriação de recursos naturais e de relacionamento com o meio ambiente, essas manifestações possuem uma dinâmica específica de transmissão, atualização e transformação que não pode ser submetida às formas usuais de proteção do patrimônio cultural”. Servindo assim para que no futuro as pessoas não esqueçam de que somos descendentes e produto das lembranças, alimentações, danças, culturas que ainda nos dias atuais nos rodeiam. Mesmo, e infelizmente, todas estas culturas não sendo valorizadas, possuem uma riqueza de história tamanha que seu estudo e divulgação devem ocorrer para a construção de, que assim seja, uma sociedade realmente plural e que proporcione as mesmas oportunidades para todos os tipos de pessoas não importando cor. O tema sobre escravizados vem sendo discutidos a muito tempo, mas isto somente é possível em espaços que debatem sobre o assunto, tendo locais como as universidades que estão cada vez mais abertos a essa discussão, então eventos que promovam a reflexão sobre o legado africano no Brasil possibilitam que estudantes desenvolvam o gosto pela pesquisa, proporcionando oportunidades e novos saberes, preservando a história oral e transformando-a em bibliografia para a continuação dos ensinamentos dos nossos ancestrais, se há um receio muito grande ao falar-se abertamente sobre o assunto é porque são contadas histórias inversas da verdadeira e, ainda, são infelizmente nos dias de hoje apresentado para a sociedade de forma negativa, por isto para muitos a cor é base do preconceito da sociedade quando a base do preconceito é a ignorância, a falta de conhecimento, mas a nossa verdadeira história, começa no resgate de nossas culturas. Patrimônio e memória, servem para que haja um aprendizado maior sobre a cultura afro brasileira.

Palavras-chave: Memória; Resgate; Negro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **O Registro do Patrimônio Imaterial: dossiê final das atividades comissão e do grupo de trabalho patrimônio imaterial**. Brasília: Fundação Nacional de Arte, 2006.

BUENO, Francisca Izabel da Silva. NOGARO, Arnaldo. A importância da história oral como instrumento de inclusão da cultura negra. **Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder**. Florianópolis: de 25 a 28 de agosto de 2008. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST63/Francisca_Izabel_da_Silva_Bueno_63.pdf > acesso em 20/08/2017.